

## PODCAST SOBRE TONS

### Temporada 1 - Episódio 3

#### Título:

**Vini Jr. e o racismo no futebol**

**Duração: 16 minutos e 10 segundos**

*(LOCUÇÃO COM VOZ FEMININA)*

12 de julho de 2000. Nasce na periferia de São Gonçalo, na Região Metropolitana do Rio de Janeiro, o segundo filho do casal Fernanda Oliveira e Vinicius José Paixão de Oliveira. Mais conhecido como Vini, Vini Marvadeza e Vini Junior, Vinicius Júnior já apresentava, desde a infância, talento indiscutível para o futebol. Com apenas seis anos, ela era destaque na escolinha de futebol da região.

O treinador Thiago Ribeiro Garcia testemunhou a maestria do jogador já no início da carreira.

*(TRECHO DE ENTREVISTA):*

*“(...) Ele sempre foi um garoto diferenciado em relação aos outros. Tanto que a gente teve que incluir ele no treinamento dos maiores, porque na faixa etária dele ele conseguia se destacar de uma forma absurda. E ele fez um desenvolvimento absurdo, mesmo em uma categoria acima, ele ainda sobrava.”*

Quando tinha 10 anos, Vini Júnior foi para a categoria de base do Flamengo. Aos 15, participou pela primeira vez da Copa São Paulo de Futebol Júnior, a *Copinha*, e foi aí que começou a ficar famoso.

Quando o jogador completou 16 anos, o Flamengo foi lá e assinou contrato com ele.

Três anos depois, o atacante, que atua como ponta-esquerda, foi para o Real Madrid pelo valor extraordinário de 45 milhões de euros. Uma das maiores transações do futebol brasileiro! E, desde então, ele vem sendo escalado constantemente para a seleção brasileira.

*(VOZ DE NARRADOR ESPORTIVO):*

*Vinicius Junior!! Vini Marvadeza, que golaço!!*

Mas o que poderia ser apenas uma história de sucesso, traz também a marca da tristeza e da indignação. Mesmo conquistando prêmios e reconhecimento mundial, Vini Júnior não escapou do racismo.

*(COMEÇA TRILHA SONORA AO FUNDO)*

Este é o Podcast Sobre Tons. Eu sou Chris Antuña, do Ministério Público de Minas Gerais, e te convido a refletir sobre a triste realidade do racismo no futebol. Vamos lá?

*(TERMINA TRILHA SONORA)*

Estamos em maio de 2023 na Espanha, no Estádio Mestalla, em Valência. É uma tarde de domingo e torcedores começam a chegar para assistir ao jogo da 35ª rodada do campeonato espanhol, Valência contra Real Madrid.

A casa está cheia, as pessoas bebem e conversam na arquibancada. Nos vestiários, os jogadores dos dois times se concentram para a partida. Um deles é Vini Júnior, o camisa 7 do Real Madrid.

O barulho do estádio aumenta, chegou a hora do show.

Desde os primeiros minutos da partida é possível ouvir gritos de “mono, mono” vindos da torcida do Valência.

*(SOM DA TORCIDA):  
Mono! Mono! Mono!*

“Mono” em espanhol significa macaco e o alvo desses insultos era o jogador brasileiro Vini Júnior.

Nos 24 minutos do primeiro tempo, em uma jogada, ele é atropelado por uma segunda bola dentro de campo e quando foi reclamar da situação, os xingamentos racistas, vindos dos torcedores do time adversário, ficaram cada vez mais fortes.

*(NARRADOR E COMENTARISTA ESPORTIVOS – DUAS VOZES MASCULINAS):  
Voz 1: Eu escutei, mais uma vez, gritos racistas vindos da torcida do Valencia.  
Voz 2: Isso é inadmissível!  
Voz 1: Lamentável o que acontece nos gramados da Espanha com Vinicius Junior.*

Revoltado, o jogador do Real Madrid denuncia o racismo para o árbitro, que decide paralisar o jogo até que os xingamentos terminassem.

A paralização durou oito minutos, e a partida voltou.

Só que não demorou para que os atos discriminatórios retornassem. No segundo tempo, além de xingamentos racistas, alguns torcedores do Valência começaram a imitar sons de macacos. O clima estava tenso, pesado, e faltava pouco para acabar a partida. Mais uma confusão aconteceu dentro de campo e Vini Junior foi expulso do jogo.

O caso gerou muita repercussão internacional. Dois dias depois da partida, três torcedores do Valência foram detidos.

Já a Liga Espanhola fechou um setor do estádio e multou o Valencia. A entidade também anulou a expulsão de Vini Junior naquele jogo.

A punição dos três torcedores pela Justiça espanhola só veio mais de um ano depois. Essa foi uma decisão inédita da corte espanhola, que determinou a prisão dos autores por oito meses.

Vale destacar também que na Espanha não existe lei que defina a discriminação racial como crime. Então, esse caso foi encaixado como crime de discurso de ódio. Nesse, e em outros casos de racismo em que Vini Júnior foi vítima, ficou muito clara a dificuldade da justiça espanhola de lidar com a questão.

E esse foi apenas um dos mais de 20 casos de racismo que ele sofreu na Espanha. A discriminação racial não veio só dos torcedores do Valencia. Não! Ele sofreu racismo em jogos contra diversos times, como Barcelona e Atlético de Madrid, e até mesmo por parte de comentaristas da TV espanhola.

Vini Jr fez um post em seu perfil de uma rede social em que disse, abre aspas: *Não foi a primeira vez, nem a segunda, nem a terceira. O racismo é normal em La Liga. A competição acha que é normal, a Federação Espanhola de Futebol também, e os adversários incentivam isso. Eu sinto muito. O campeonato que já pertenceu a Ronaldinho, Ronaldo, Cristiano Ronaldo e Lionel Messi, hoje pertence aos racistas.* Fecha aspas.

Em uma entrevista coletiva, ele falou também sobre a importância da punição dos atos racistas e da conscientização das pessoas, especialmente das crianças:

*(TRECHO DE ENTREVISTA COM VINI JR):*

*Se a gente começar a punir todas essas pessoas que cometem crimes e que aqui eles não consideram crime, nós vamos começar a evoluir, tudo vai ficar melhor para todo mundo. (...) Não que eles vão mudar o pensamento deles, mas eles vão ficar com medo de falar, seja no estádio, seja na porta dos estádios, seja onde tenha câmeras, eles vão ficar com medo de falar e assim a gente vai diminuir isso, e vamos colocar medo naquelas pessoas. E que eles possam também educar seus filhos, porque muitas vezes aqui tem criança me xingando e eu não culpo a criança, porque eles não entendem ainda. Eu na idade deles também não entendia o que era o racismo e isso é muito complicado.*

O craque também lembrou que a discriminação verbal é apenas uma faceta de um problema muito maior.

*(TRECHO DE ENTREVISTA COM VINI JR):*

*Acredito que é algo muito triste tudo que eu venho passando aqui, a cada jogo, a cada dia, a cada denúncia minha vem aumentando. É muito triste isso. Mas acredito também que não só eu, mas como todos os negros – não só na Espanha, no mundo todo – que sofrem no dia a dia; o racismo verbal é minoria perto de tudo que os negros sofrem no mundo.*

Por todo Brasil, Vini Júnior recebeu manifestações de apoio e solidariedade e seu caso fez surgir várias leis estaduais e municipais de combate a atos racistas no esporte.

Também está em processo de aprovação no Senado o Projeto de Lei nº 2.889, de 2023, que tem o objetivo de endurecer as penas contra torcedores que pratiquem racismo dentro dos estádios. Ele busca, por exemplo, proibir o comparecimento do autor do crime de racismo, por cinco anos, nos locais onde se realizem eventos esportivos.

É dever das instituições públicas e de toda sociedade rever as falhas existentes nos códigos e leis para que não existam mais casos como o de Vini Júnior e de tantos outros atletas negros. Não pode haver espaço para o racismo nos estádios, nem em nenhum outro lugar. Nós seguiremos na luta contra o racismo trazendo novas histórias. Acompanhe com a gente!

*(COMEÇA TRILHA SONORA AO FUNDO)*

Os episódios de racismo sofridos por Vini Jr. na Espanha causaram uma onda de solidariedade global, especialmente no Brasil, gerando debates e propostas de mudanças nas leis para combater o racismo no esporte.

Neste episódio, para aprofundar o tema, conversamos com o ex-jogador Mário Lúcio Duarte Costa, mais conhecido como Aranha, com o promotor de Justiça Evandro Ventura da Silva, e com Luciano Jorge de Jesus, membro do Observatório da Discriminação Racial no Futebol.

Os últimos relatórios do Observatório revelam que houve um aumento no número de casos de racismo no futebol brasileiro entre 2022 e 2023. Luciano de Jesus comenta sobre as possíveis causas desse fenômeno.

*(COMENTÁRIO LUCIANO)*

*"Os casos aumentaram, isto diz o quê? Isso diz para a gente que a percepção da população brasileira em relação ao racismo se tornou outra. Ele diz respeito à forma como a sociedade brasileira nota o racismo. E aí obviamente também os atletas – acho que eles são mais informados sobre isso hoje – eu penso que há uma confiança em se denunciar. Porque se a gente lembrar, por exemplo, os casos que envolveram Aranha, por exemplo, o Aranha ficou sozinho. O caso do Grafite, por exemplo, o Grafite ficou sozinho. Assim, aí acaba que essa luta solitária cansa muito, né?"*

Em 2010, o goleiro Aranha, que jogou em diversos clubes brasileiros, como Palmeiras, Santos, Grêmio e Atlético Mineiro, passou por uma situação de racismo na Arena do Grêmio, que prejudicou a sua carreira. Ele tem percebido

atualmente uma mudança de comportamento da sociedade na forma de lidar com o racismo no futebol.

(COMENTÁRIO ARANHA)

*"Sobre o episódio na Arena do Grêmio, que faz 10 anos, eu passei a ser visto como um encrenqueiro por muitos clubes, por muitos diretores; como um jogador problemático. Eu me lembro que eu fui sorteado no final da partida para o exame antidoping e assim que eu entro na sala do doping, eu vejo as imagens sendo exibidas na TV. Aquilo me deu um alívio. No sentido de que, pô, tem provas daquilo que eu estou falando. Era muito complicado na questão racial você não ter provas, né? Então ficava a sua palavra contra a palavra do agressor e normalmente a palavra do negro nesses casos valia menos, né? Mas de lá para cá, eu tenho notado uma melhora, um avanço grande, no sentido que as pessoas começaram a brigar mais por respeito, exigir respeito, deixaram de tolerar muitas coisas ruins. Eu cito o caso do Vinícius Júnior, que é um cara que passou, tem passado por momentos ruins, relacionado ao racismo em outro país. E você vê a manifestação aqui no Brasil de acolhimento, de indignação por ele estar sofrendo isso.*

Apesar de alguns avanços já conseguidos na luta contra o racismo, o promotor de Justiça Evandro Ventura alerta que o Brasil ainda tem muito a melhorar na percepção e no tratamento dos crimes raciais dentro dos estádios.

(COMENTÁRIO EVANDRO)

*"Veja, em 2022 nós tivemos um jogo entre Atlético e Cruzeiro, no Mineirão, e nesse jogo alguns torcedores chamaram os seguranças que estavam trabalhando no local de macaco. Obviamente que eles foram presos naquele momento, naquela oportunidade. E aí nós tivemos uma decisão do tribunal de justiça de Minas Gerais dizendo que era justificável as palavras proferidas por aqueles torcedores porque naquele momento eles estavam em um estado de ira – já que eles ali estavam sofrendo com o gás de pimenta – então eles poderiam, seria justificável que eles xingassem quem quer que seja, inclusive do nome que assim quisesse. O que você demonstra, sem nenhuma dúvida, é que nós estamos em um país racista. E nós estamos em um país em que as pessoas se sentem livres para utilizar expressões de discriminação racial. Tanto se sentem assim que são absolvidas pelo nosso judiciário. Então é algo que realmente eu gostaria de enfatizar, porque percebemos que hoje em Minas Gerais nós temos muitas conduções por casos envolvendo racismo, até também pela ajuda dos clubes de futebol – Atlético, Cruzeiro e América em especial. Mas nós não podemos deixar de mostrar que existe, sim, uma impunidade que e autoriza a disseminação de discriminação racial. E essa impunidade ela tem que ser combatida e, inclusive, anunciada e denunciada."*

Na opinião de Aranha, exigir medidas antirracistas das instituições públicas, dos estádios, dos clubes e nas legislações é muito importante para provocar mudanças na sociedade.

(COMENTÁRIO ARANHA)

*“Eu acho que tem que ser uma mudança cultural, aonde o torcedor, as pessoas que amam o futebol, querem ver um espetáculo, querem ver esse momento de alegria, de felicidade. Não ir para o estádio para poder voltar triste, voltar abatido, voltar com o sentimento de raiva, de revolta. Eu acredito que a partir do momento que a nossa cultura, que o torcedor entender que o ódio, a questão racial, é uma coisa muito ruim para o esporte que ela ama, a gente começa a construir um futuro melhor dentro do futebol.”*

(COMEÇA TRILHA SONORA AO FUNDO)

Esse foi o *Sobre Tons*, o podcast antirracista do Ministério Público de Minas Gerais. Eu sou Chris Antuña e estão comigo na equipe: Alice Rodrigues, Allender Barreto, Eduardo Curi, Esther Gonçalves, Giselle Borges, Helena Drummond, Larissa do Vale, Leonardo Faustino, Mariana Alves, Marisa Guimarães e Thaís Dutra.

Esse episódio teve como fontes: Observatório da Discriminação Racial no Futebol, Agência Brasil, Portal Uol e Globo Esporte. Contou com áudios de: TV Band Rio, ESPN Brasil e Globo Esporte. Trecho de publicação no perfil oficial de Vini Junior no Instagram lido por mim.

Acompanhe a gente na Rádio MP em [radiomp.mpmg.mp.br](http://radiomp.mpmg.mp.br), no [Spotify](#) ou no [YouTube](#). Compartilhe esse conteúdo. Junte-se a nós na luta contra o racismo! Siga o MPMG nas redes sociais, procure por MPMG OFICIAL e deixe a sua sugestão para os próximos episódios do *Sobre Tons*. Obrigada pela companhia e até a próxima!

(TERMINA TRILHA SONORA)